

Dimensões morfossemântica e estilístico-morfológica no processo de formação de palavras

Morphosemantic and stylistic-morphological dimensions in the word formation process

66

Márcia da Gama Silva Felipe

UERJ / SELEPROT

<https://orcid.org/0000-0002-7526-1067>

prof.marciadagama@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer considerações em torno do ensino da Morfologia da língua portuguesa. Com esse propósito, destacamos a importância do ensino da morfologia em combinação com aspectos semânticos e estilísticos, com vista ao desenvolvimento da competência comunicativa, objetivo fundamental do processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, apresentamos alguns exemplos de formação de palavras que fogem ao paradigma tradicional, explorando aspectos semântico e estilístico dos sufixos. Outrossim, destacamos a necessidade da abordagem contextualizada, associada aos aspectos pragmático-discursivos inerentes à produção linguageira, especialmente no âmbito do português como língua não materna (PLNM).

PALAVRAS-CHAVE: Competência comunicativa. Ensino de morfologia. Dimensão morfossemântica. Dimensão estilístico-morfológica.

ABSTRACT

The development of competences, a fundamental objective of the teaching and learning process of the Portuguese Language, has been the subject of research and proposals for its achievement. From this perspective, this article aims to make considerations around the development of communicative competence in teaching Portuguese as a non-native language (PLNM, in the acronym in Portuguese). With this purpose, we highlight some examples of word formation that escape the traditional paradigm, exploring semantic and stylistic aspects of the suffixes. Furthermore, we highlight the need for a contextualized approach, associated with pragmatic-discursive aspects inherent to language production, especially in the context of Portuguese as a non-native language (PLNM).

KEYWORDS: Communicative competence. Morphology teaching. Morphosemantic dimension. Stylistic-morphological dimension.

1. Introdução

Como consequência de um longo período em que o processo de ensino e aprendizagem foi fundamentado exclusivamente no ensino da gramática, o baixo nível de proficiência em Língua Portuguesa permanece preocupando inúmeros docentes e pesquisadores no âmbito do português como língua materna. A despeito de não apresentar nenhuma novidade no cenário educacional, essa afirmação evidencia a manutenção de uma realidade preocupante.

É com base nesse quadro que pesquisadores, como Almeida e Gonçalves (2008), Rebello e Carvalho (2016), vêm destacando a importância de uma abordagem funcional da língua, com objetivo de desenvolver a competência linguística dos aprendentes. Ribeiro e Ribeiro (2018), falando sobre o tema, chegam a propor critérios de avaliação dessa competência, mostrando a “necessidade de um ensino de línguas que estivesse pautado em uma abordagem nocional-funcional e, portanto, comunicativa (RIBEIRO e RIBEIRO, 2018, p. 118). Essa preocupação se estende ao ensino da língua portuguesa como língua não materna (PLNM), visto que o caráter funcional da linguagem está vinculado ao seu uso em ambientes permeados por aspectos socioculturais. Desse modo, qualquer que seja o âmbito de ensino, ele deve ser permeado por questões sociais, culturais e discursivas (CRUZ JR, 2020), que imprimem na linguagem as nuances do processo de significação.

Essa necessidade é consequência do embate das interações. É na busca por um dizer inusitado que a expressividade e a criatividade permitem que os utentes do idioma subvertam certas convenções – surpreendendo e sendo surpreendidos – a partir de combinações, de neologismos e de pronúncias inovadoras com o objetivo final de transmitir sua mensagem. É justamente essa criatividade linguística que rompe a rigidez das regras sintáticas, morfológicas e fonológicas, permitindo ao usuário produzir fatos semânticos inovadores. Em função disso, os tópicos tradicionais – nos quais o ensino gramatical é dividido – devem estar associados aos aspectos inerentes ao funcionamento linguístico, seja no âmbito do português como língua materna, seja no da língua não materna. A combinação da gramática com os elementos inerentes à contextualização e ao fazer linguístico podem contribuir significativamente com o desenvolvimento da competência comunicativa.

Dentro dessa perspectiva, desejando que a pesquisa científica produza frutos promissores, fazemos algumas considerações acerca do ensino de língua portuguesa calcada na dimensão morfossemântica no ensino de classe de palavras.

Para melhor organizarmos o presente texto, trataremos inicialmente da morfologia no ensino tradicional ressaltando os pontos positivos e os negativos dessa abordagem. Posteriormente, com base no aspecto funcionalista da língua, destacaremos alguns fatores que subjazem à formação do léxico, mas que, normalmente, não têm a atenção necessária no processo de ensino e aprendizagem. Destacaremos alguns aspectos discursivo-pragmáticos que incidem no exercício da linguagem e

lançam luz ao entendimento da dimensão morfossemântica das interações comunicativas. Para tanto, buscaremos embasamento teórico em pesquisadores como Almeida e Gonçalves (2008), Martins (2012) e Rebello e Carvalho (2016).

A morfologia no ensino tradicional

68

Tradicionalmente, o ensino da língua portuguesa esteve associado à transmissão de conteúdo com base “no ensino das categorias da língua, por meio de descrição de uma metalinguagem vista como um fim em si mesma, sem que se ofereça como contraparte o entendimento da funcionalidade dessas categorias no processo linguístico-discursivo” (PAULIUKONNIS, 2013, p. 5). No âmbito da morfologia, por exemplo, tornou-se prática recorrente o dissecar da palavra, com a finalidade exclusiva de identificar-lhe o radical e as desinências que a compõem. Uma variação dessa atividade é a lista de palavras a partir das quais o aprendiz deveria identificar o processo de formação de palavras usado em cada uma. Essas atividades representam certo esvaziamento do conteúdo da morfologia, trabalhado pelo viés exclusivamente gramatical, sem nenhuma contextualização.

Vale destacar que o ensino de fatos gramaticais tem seu valor no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que não seja limitado a exercícios mecânicos, configurando a única possibilidade oferecida ao aprendiz. A decomposição do vocábulo em unidades menores permite a identificação de várias informações acerca de sua estrutura, desde a essência do sentido inerente ao radical às nuances acrescentadas pelos morfemas derivacionais. Com essas informações, o aprendiz seria capaz de a) inferir o sentido de uma palavra nova e de b) associar o radical a outros morfemas – lexicais ou gramaticais (MATTOSO, 2009, p. 24) –, dando origem a outros vocábulos. Nessa perspectiva, o significado das palavras seriam o resultado da soma de suas partes.

Percebemos que a análise mórfica dos vocábulos é importante no processo de ensino e aprendizagem e imprescindível no enriquecimento do vocabulário. No entanto, essa abordagem não pode ser um fim em si mesma. Há que se desenvolver no alunado a curiosidade e a análise crítica da língua, calcado nas dimensões estilísticas, pragmáticas e discursivas da língua, para citar algumas. O direcionamento desse texto figura no âmbito da dimensão morfossemântica, a partir da qual continuamos a presente exposição.

Aspectos morfossemânticos e estilísticos-morfológicos

Diversos pesquisadores têm ressaltado a importância dos aspectos semânticos, inclusive com intenção estilística, no processo de formação de palavras, a exemplo de Almeida e Gonçalves (2008)

e Martins (2012). Trazemos aqui algumas dessas contribuições e acrescentamos, ao longo do texto, outros pesquisadores e outros exemplos que contribuem significativamente para o ensino desse tema.

No paradigma tradicional, temos que o significado das partes colabora para o significado da palavra. Apenas para citar alguns exemplos, de inúmeros possíveis, citamos os sufixos *-eiro* / *-eira* que, quando associados a um radical, formam nomes que podem significar:

1. Profissão – padeiro, pedreiro, cozinheiro
2. Objeto – geladeira
3. Árvore – abacateiro, laranjeira

No entanto, para além das questões normativas, o estudo das palavras deve ir além da análise estrutural. É nessa perspectiva que Almeida e Gonçalves (2008) chama atenção para certos nuances do processo de significação. O autor propõe um olhar mais atento para a motivação na criação de novas palavras e para o sentido evocado pelas novas formações.

Na busca pelo que está subjacente ao processo de formação de palavras, Almeida e Gonçalves propõem de análise do sufixo *-eiro* na formação dos substantivos *prisioneiro* e *carcereiro*. Nas palavras do autor “se a crença é de que os significados são produtos composicionais (a soma dos significados das partes é igual ao significado final do todo), como descrever a antonímia, se a derivação é realizada pelo mesmo sufixo?” (ALMEIDA e GONÇALVES, 2008, p. 67).

Se voltarmos às palavras primitivas *prisão* e *cárcere*, encontramos nos dicionários a convergência do significado para “recinto fechado”, “clausura”. Por extensão, compreendemos que ambos os substantivos estão associados à ideia de “ausência de liberdade”. No entanto, essas duas palavras, que estão associadas por um princípio de sinonímia, produzem palavras derivadas antônimas, conforme vemos a seguir.

4. prisão / cárcere = sinônimos
5. prisioneiro / carcereiro = antônimos

Como compreender que, apenas com o acréscimo do sufixo *-eiro*, palavras sinônimas podem produzir palavras antônimas? Como o sufixo “eiro” – que, tradicionalmente, forma palavras com sentido de “agente” – pode formar “prisioneiro”, indivíduo privado de liberdade, ou seja, “paciente”. Em sentido análogo, Albuquerque (2015) mostrará outros exemplos enfocando a questão dos tempos verbais e de como sua compreensão, no âmbito do PLN, não é “imediata”.

Tão importante quanto o domínio dos processos de formação, das regras e dos paradigmas gramaticais é compreender as motivações para a formação de palavras e o sentido evocado por cada palavra que surge cotidianamente no idioma.

Outra importante contribuição para o ensino proficiente da língua portuguesa, agora no âmbito da estilística, é apresentada por Martins (2012), em sua obra *Introdução à Estilística* (2012), com destaque para a carga semântica das palavras e sua classificação segundo as “tonalidades emotivas”. Dentre outros exemplos, destacamos as palavras de poder avaliativo e as de poder evocativo, especialmente, quando associadas a afixos.

6. Essa politicagem já passou dos limites
7. Essa menina é uma gracinha
8. Essa gentinha não conhece o seu lugar

No exemplo 6, o sufixo *-agem* acrescenta ao substantivo “política” um valor pejorativo “politicagem” (MARTINS, 2012, p. 108). Já o sufixo *-inha* pode acrescentar sentidos diversos – carinho, desprezo, tamanho ou quantidade – a depender não só do substantivo que o recebe, mas também do contexto no qual se apresenta ou mesmo da entoação no momento da pronúncia. Em “gracinha”, no exemplo 7, o sufixo pode denotar uma admiração ou elogio; já em “gentina”, no exemplo 8, o sentido é claramente pejorativo.

Analisemos agora o sufixo *-ão* que, normalmente, é associado à ideia de tamanho. Vejamos os exemplos.

9. José fez um papelão na festa
10. Ana é um mulherão

Observamos que o sufixo *-ão* empresta valores semânticos distintos quando associado aos radicais dos exemplos citados. No exemplo 9, o sufixo acrescenta valor negativo ao substantivo *papel*. Não há no contexto a ideia de aumentativo – papel grande – ou mesmo uma referência ao tipo de material (usado para confecção de caixas, por exemplo) a que o substantivo concreto *papelão* pode remeter. Já em 10, o mesmo sufixo acrescenta valor positivo ao substantivo *mulherão*, que pode estar associado tanto ao tamanho da mulher em questão quanto à sua beleza.

Rebello e Carvalho (2016) apresentam um importante artigo no qual tematizam os sufixos avaliativos, segundo a ótica da Gramática Funcional do Discurso (GFD). Segundo as autoras, o estudo desses morfemas segue uma abordagem funcionalista da linguagem, que considera o contexto de enunciação como fundamental para o entendimento das enunciações. As autoras desenvolvem em seu

artigo algumas questões que buscam responder, em relação aos sufixos avaliativos. A primeira questão indaga se os sufixos usados na formação de um novo vocábulo têm relação com uma propriedade inerente ao lexema usado ou atribuem uma nova qualidade ao lexema.

Para responder a essa questão, voltamos aos exemplos anteriores, a partir dos quais podemos perceber que, tanto o sufixo *-inha*, quanto o sufixo *-ão* podem apresentar conotação positiva ou negativa. Apesar da pequena quantidade de exemplos, podemos inferir que uma ou outra possibilidade de significação não está presente nos lexemas de origem, que servem de base na formação do novo vocábulo, nem nos afixos que lhes são acrescentados. Logo, a origem do sentido positivo ou negativo da palavra se estabelece, prioritariamente, no contexto de enunciação. Fato comprovado ao retomarmos o exemplo 7 – “essa menina é uma gracinha” que, dependendo do contexto, pode ser interpretado como um elogio ou como uma ironia. Nesse caso, percebemos que a compreensão adequada do sentido de algumas sentenças só é possível de forma contextualizada, seja na modalidade escrita, seja na modalidade oral da língua, cuja entoação pode apontar para interpretações distintas.

A segunda questão levantada pelas autoras é a comprovação da origem pragmática do valor atribuído aos vocábulos pelos sufixos avaliativos. Podemos responder de forma positiva a essa questão, visto que o sentido das enunciações se completam no contexto de realização.

Segundo Rebello e Carvalho (2016), o sufixo avaliativo opera nos dois níveis de atuação da linguagem, tanto no nível representacional, quanto no interpessoal. O primeiro devido ao entendimento que o falante tem ao selecionar paradigmaticamente o sufixo. O segundo, o nível interpessoal, condiciona o primeiro. Ou seja, apesar da importância do conhecimento do paradigma estrutural, seu valor só se realiza quando associado ao uso efetivo da língua, visto que é a partir da interpessoalidade – daquele com quem se está interagindo, ou mesmo do objeto do discurso – que se determina a escolha dos morfemas. Os níveis representacional e interpessoal interagem, numa espécie de retroalimentação, e influenciam na escolha de lexemas e de sufixos avaliativos.

Sufixos avaliativos e humor

A frequência de uso de determinada palavra costuma, equivocadamente, associá-la a apenas determinado aspecto semântico, provocando o que alguns pesquisadores chamam de especialização ou restrição do sentido como ocorre, por exemplo, com o adjetivo *flagrante*. Em uma consulta ao Dicionário Michaelis¹, suas acepções são:

1 <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=flagrante> - acesso em 02/11/2021 às 20h49

Adjetivo

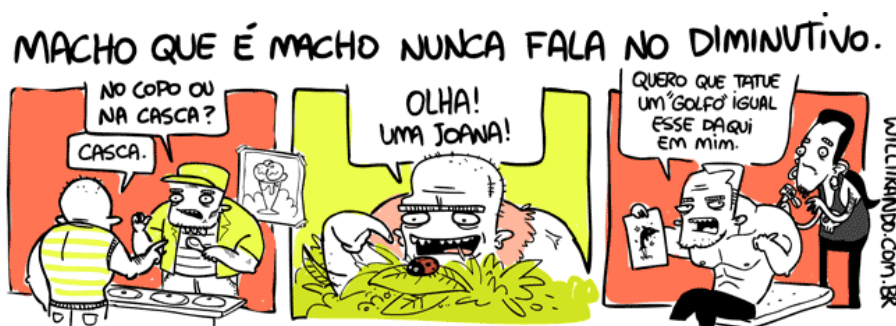
- 1 Testemunhado no momento da ocorrência: O cara foi pego em flagrante desrespeito ao idoso.
- 2 Que é incontestável: “O mau gosto que se nota na decoração das casas das famílias remediadas e mesmo das abastadas é flagrante”.
- 3 Repleto de entusiasmo ou ardor: Era uma menina com um flagrante interesse pelos livros.
- 4 Corado por susto ou emoção: Suas faces flagrantes revelavam a paixão que consumia seu coração.

Substantivo

- 1 Registro no momento que um fato ocorreu: “É verdade que JK vivia um caso amoroso com Lúcia, romance que já era do conhecimento de seus amigos e [...] de dona Sarah, que àquela altura estaria disposta a pedir o desquite e, conforme as circunstâncias, obter um flagrante de adultério [...]” (CA).
- 2 Documentação que comprova o fato ocorrido: O flagrante já está incluído nos autos.

Perceba-se que nenhum dos significados é intrinsecamente negativo ou pejorativo; no máximo, os exemplos utilizados podem ser assim assumidos. No entanto, o seu sentido é associado, quase que exclusivamente, a uma conotação negativa.

O mesmo fenômeno ocorre com os sufixos *-inha* / *-inho*, tradicionalmente associados a uma ideia de tamanho (casinha, carrinho) ou carinho (gracinha, amorzinho). Essa percepção limitada não permite que sejam alcançadas as nuances de significação no contexto de uso. Uma busca rápida em nossa memória ou mesmo na Internet nos trará diversos exemplos do grau de dependência que as escolhas lexicais mantêm com o contexto de realização. A título de exemplo, trazemos uma tirinha que faz humor com o uso do diminutivo. A página da Internet *Willtirando* traz um bom exemplo de como os aspectos pragmático-discursivos, que subjazem à prática da linguagem, influenciam nas escolhas lexicais e na criatividade linguística. Vejamos.



Diminutivo - Fonte: Willtirando²

A forma de abordagem do diminutivo na tirinha confirma o uso tradicional associado à ideia de tamanho e carinho, denotando, por isso, uma sensação de delicadeza, associada à mulher, à feminilidade. Por isso, a tirinha chama a atenção para esse fato a partir do título “Macho que é macho

² <http://www.willtirando.com.br/macho-nao-usa-diminutivo/> - acesso em 02/12/2021 às 21h08

nunca fala no diminutivo”; ou seja, para não ter a sua “imagem” associada à figura feminina. Com base nessa concepção, os personagens subvertem algumas formas para adequá-las à sua necessidade de representação identitária.

Em detrimento do conhecimento pragmático – que nos permite identificar as formas *copinho* e *casquinha* no contexto da compra e venda de sorvetes – os personagens escolhem a subversão desse uso, na tentativa de adequar as formas à identidade masculina, usando *copo* e *casca* em substituição. Essa opção não provoca estranhamento no leitor visto que o paradigma para *copinho* e *casquinha* está exatamente nas palavras primitivas *copo* e *casca* que lhes servem de base.

No entanto a “manobra linguística” dos personagens nos dois últimos quadros provoca o riso do leitor. A escolha de *Joana* em lugar de *joaninha* além de não coincidir com o uso comum, também denota o nome atribuído a um ser humano. A gradação do humor se completa no terceiro e último quadros, quando o personagem pede que seja feita uma tatuagem de um *golfo* em suas costas e apresenta a imagem de um *golfinho*.

Conhecedor do sentido de *golfo* – “reentrância litorânea de grande extensão, geralmente semicircular, de ampla abertura”³ – o leitor identifica o humor da tira, imaginando a confusão que pode acontecer com a tatuagem feita. O equívoco ocorre porque a forma escolhida para substituir o diminutivo *golfinho* não coincide com o que se imagina que pudesse ser a palavra primitiva. O final dos substantivos *golfinho*, *carinho* (afago) e *caminho*, apenas para citar alguns exemplos, não são sufixos formadores de diminutivos, visto que *golfo* e *caro* apresentam significado distinto. O substantivo *caminho*, por sua vez, não encontra no léxico uma palavra primitiva que lhe dê origem.

Com base nesse exemplo, vale acrescentar que, a despeito da criatividade linguística e das inúmeras possibilidades que a língua oferece aos utentes, a liberdade encontra seus limites na própria língua. Não podemos a título de liberdade, seja linguística, seja de expressão, subverter padrões e normas a ponto de não alcançar o principal objetivo da língua: comunicar.

Considerações finais

Desejamos que os exemplos trazidos e as pesquisas apresentadas nos conduzam à percepção de que o ensino das classes de palavras vai muito além da mera classificação ou do conhecimento estrutural de cada uma delas.

Compreendemos que o ensino da gramática, de modo geral, deve estar atrelado ao contexto a partir do qual o sentido se apresenta. As considerações aqui apresentadas são essenciais para se

3 <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=golfo> - acesso em 02/12/2021 às 21h13

repensar o modo como o conteúdo é ensinado nas salas de aula, especialmente no âmbito do PLNM. Isso decorre das dificuldades apresentadas no aprendizado de leitura e de interpretação vivenciados em sala de aula com alunos nativos da língua portuguesa, cujas características são potencializadas em um ambiente de alunos não nativos, que aprendem o português na condição de língua não materna. Além das dificuldades inerentes ao aprendizado de um idioma, a vivência na cultura à qual pertence a língua a ser aprendida representa uma das grandes dificuldades para o aprendizado.

Acreditamos que as considerações feitas neste texto acerca do processo de formação de palavras, da necessidade de combinação dos diversos aspectos da língua e da influência do contexto de enunciação no significado convergem para o alcance de um único objetivo: o aprendizado proficiente da língua portuguesa.

Referências

ALBUQUERQUE, Adriana Ferreira de Souza de. **Diretrizes gramaticais no processo de ensino/aprendizagem de Português para estrangeiros**. Idioma (UERJ), v. 1, p. 160-167, 2015

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. A interface morfologia-semântica: perspectivas de análise e subsídios para o ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, L. W., MACHADO, M.; GOMES, R. S. (orgs.). **Anais da II Semana de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, v. 1. p. 65-71.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CRUZ JR, José Nilton Santos da. **Competências na Formação do Professor de Português como Língua Materna (PLM): uma perspectiva intercultural**. Belo Horizonte: Dialética, 2020

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística: A expressividade na Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino S. Texto e discurso: desafios no ensino de português. **Revista Letras & Letras**, v. 29, n. 2. p. 1-10, 2013.

REBELLO, Adriana Leite do Prado; CARVALHO, Maria Cecília Gonsalves. A gramática funcional do discurso e os sufixos avaliativos na sala de aula de PL2E: peças publicitárias como fonte de produção de material didático. In: Alexandre do Amaral Ribeiro. (Org.). **Ensino de português do Brasil para estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas**. 01ed. Rio de Janeiro: epublik, 2016, v. 01, p. 117-130.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. Proposição de critérios de avaliação da competência comunicativa de aprendizes estrangeiros em contexto intercultural. In: Alexandre do A. (Org.). **Português do Brasil para Estrangeiros: políticas, formação, descrição**. 01ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018